



Olhar do mundo está voltado para o Brasil, diz líder da UE¹

Frans Timmermans²

“Os olhos do mundo estão voltados para o Brasil”, diz Frans Timmermans, vice-presidente executivo da Comissão Europeia e quem lidera a União Europeia nas negociações internacionais de clima. O holandês, que está em visita de dois dias ao país, quer ouvir do governo Lula quais os planos para conter o desmatamento, ir à Amazônia e iniciar o diálogo para a COP28, a conferência sobre mudança climática da ONU que acontecerá em dezembro, nos Emirados Árabes Unidos. O holandês conduz o debate sobre o Green Deal europeu na Comissão Europeia, o braço executivo do bloco.

A pauta ambiental hoje é uma pauta econômica e isso fica claro nos últimos movimentos da União Europeia, que costuma estar na vanguarda do tema e finaliza duas legislações que afetam o Brasil - a que quer brevar a importação de commodities vinculadas ao desmatamento e a que vai adotar um mecanismo de ajuste de fronteira de carbono. As regulamentações têm sido vistas com ansiedade por países em desenvolvimento.

“A crise climática é uma crise global, e não podemos resolvê-la empurrando as emissões para outros lugares”, diz. “O que está impulsionando o desmatamento? É a demanda de mercados como a UE por commodities como cacau, café, óleo de palma, carne bovina e soja”, segue. “Esta nova lei estará nos responsabilizando por nossos próprios padrões de consumo.”

Mudar a lógica econômica do que temos feito nos últimos 200 anos é muito difícil, mas temos que fazê-lo”

Sobre o mecanismo de fronteira que taxará carbono de produtos, diz que não é punitivo nem protecionista. “Fizemos nosso melhor para concebê-lo de forma a respeitar as regras comerciais globais”, diz. O sistema se concentra em cimento, ferro e aço, alumínio, fertilizantes, eletricidade e hidrogênio.

¹ Entrevista publicada em Valor Econômico. Disponível em <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2023/01/23/olhar-do-mundo-esta-voltado-para-o-brasil-diz-lider-da-ue.ghml> . Acessado em 24.01.2023.

² Vice-presidente executivo da Comissão Europeia.

“O hidrogênio renovável será um componente essencial da futura indústria limpa”, reconhece. Alguns setores como siderurgia, química ou caminhões de longa distância não podem se tornar elétricos e precisam de um condutor de energia. É aí que entra o hidrogênio. “É a estrela do rock da transição energética”, diz Timmermans.

Nos últimos anos, e de forma contundente em COPs recentes, a União Europeia tem dito que é preciso ampliar a base de doadores do financiamento climático. As convenções da ONU do Clima e Biodiversidade dizem que são os países industrializados os responsáveis por prover recursos, mas os europeus argumentam que o mundo não é o mesmo de 30 anos atrás. “Cada país que faz parte da elite industrial e econômica atual pode e deve contribuir para manter nosso planeta um lar seguro para a humanidade”, defende o homem forte da descarbonização europeia.

O hidrogênio será parte de nosso futuro industrial. É realmente a estrela do rock da transição energética”

Timmermans lembra que os países do G20 são responsáveis por 80% das emissões e “devem melhorar seus compromissos climáticos”. Em Brasília, o vice-presidente da Comissão Europeia deve ter bilaterais com o vice-presidente Geraldo Alckmin e os ministros Marina Silva (Meio Ambiente), Silvío Almeida (Direitos Humanos) e Sonia Guajajara (Povos Indígenas) antes de ir a Belém. Visitará também a Colômbia e o México. Antes de partir, deu esta entrevista, por escrito, ao Valor:

Valor: Quais os objetivos de sua visita ao Brasil? Como a colaboração União Europeia pode acontecer durante o governo Lula?

Frans Timmermans: É a primeira vez que estarei no Brasil como vice-presidente-executivo da Comissão Europeia. Já estive aqui como ministro das Relações Exteriores holandês e até vivi em São Paulo quando meu pai era o cônsul holandês na cidade. Neste momento, os olhos do mundo estão voltados para o Brasil. Fiquei feliz por já ter tido a oportunidade de me encontrar com o presidente Lula no fim de 2022, ainda como presidente-eleito. Conversamos por muito tempo sobre as oportunidades para a UE e o Brasil trabalharem juntos, inclusive na luta contra o desmatamento, e sobre a candidatura do Brasil para sede da COP30. O desejo de sediar a conferência climática global em Belém e a decisão de apresentar esta candidatura logo depois da posse dizem muito sobre as grandes ambições do governo para o clima e o ambiente.

Valor: O presidente Lula e a ministra Marina Silva estão comprometidos com o desmatamento zero, mas o Brasil precisará de ajuda, especialmente depois dos anos Bolsonaro. Como a Europa pode ajudar?

Timmermans: Eles têm muitas ideias sobre como deter o desmatamento. Sabem que é do interesse do Brasil fazer isso. Durante minha visita, antes de mais nada, pretendo ouvir o que o novo governo está planejando. A Amazônia é um ecossistema de importância global, mas como a floresta deve ser protegida no Brasil é uma decisão soberana de seu país. Estou feliz que o governo esteja tão fortemente comprometido com o desmatamento zero. Pode ter certeza de que a União Europeia está considerando seriamente como ajudar o Brasil a conseguir isso.

Valor: Como e quando a legislação de não importar desmatamento irá entrar em operação? Embora se entenda que a lei vai na direção correta, de não estimular desmatamento, alguns enxergam protecionismo e uma barreira ao mercado europeu. O que pensa sobre isso?

Timmermans: Desmatamento e degradação florestal são motores importantes da mudança climática e da perda de biodiversidade. Mas o que está impulsionando o desmatamento? É a

demanda de mercados como a UE por commodities como cacau, café, óleo de palma, carne bovina e soja. Portanto, esta nova lei da UE estará nos responsabilizando por nossos próprios padrões de consumo. Mais de 1 milhão de cidadãos europeus exigiram que nós o fizéssemos para que nosso consumo na Europa não cause danos ambientais em outros lugares. A lei se aplica a comerciantes europeus e não europeus da mesma forma, e tomamos cuidado para garantir que esteja totalmente de acordo com as regras do comércio internacional. As mercadorias que mencionei, mas também madeira e borracha, não podem mais ser vendidas no mercado da UE se forem produzidas por desmatamento. Uma vez que a lei seja totalmente adotada, haverá um ano e meio para implementar as novas regras.

Valor: O Parlamento Europeu aprovou em dezembro o primeiro imposto de fronteira do mundo, a CBAM. Valerá apenas para empresas europeias fora da Europa ou para todas? Haverá um tempo de teste e setores prioritários? A medida também é vista como protecionista.

Timmermans: Com a CBAM [Carbon Border Adjustment Mechanism], queremos evitar o “vazamento de carbono”. Quero dizer que os esforços dentro da UE para reduzir as emissões de gases-estufa não devem levar a Europa a exportar emissões a outras partes do mundo. A crise climática é uma crise global, e não podemos resolvê-la empurrando as emissões para outros lugares. Também queremos incentivar a produção industrial limpa em outros países. O resultado é simples: quanto menos carbono for incorporado em um produto, menos CBAM será aplicada. A CBAM não é punitiva e não é protecionista. Fizemos nosso melhor para concebê-la de forma a respeitar as regras comerciais globais (OMC). O sistema se concentra em produtos: cimento, ferro e aço, alumínio, fertilizantes, eletricidade e hidrogênio. Será introduzido gradualmente ao longo dos próximos anos. Na fase de transição, que terá início em outubro, os importadores de mercadorias no âmbito da CBAM só terão que relatar as emissões de gases-estufa incorporadas em suas importações, não haverá custos. Somente após o período de transição eles terão que pagar pelas emissões de carbono incorporadas. Este preço será equivalente ao preço de carbono dos produtos fabricados na UE.

Valor: O acordo UE-Mercosul pode se concretizar no governo Lula?

Timmermans: Não há garantias na vida, mas estou confiante de que podemos e acho que devemos. O acordo entre a UE e o Mercosul é de grande importância geoestratégica e econômica e benéfico para ambas as partes. Também pode ajudar a promover a transição verde em nossos mercados. Um dos obstáculos para sua adoção final diz respeito ao desmatamento, e é prioridade para a Comissão Europeia tratar disso. Conversaremos com o Brasil, com outros países e com nossos Estados-membros para ver como podemos avançar para uma conclusão bem-sucedida.

Valor: Nas COPs climáticas a UE vem defendendo que o número de doadores do financiamento climático seja ampliado. Países em desenvolvimento entendem que isso é reescrever a Convenção do Clima e até o Acordo de Paris.

Timmermans: Cada país que faz parte da elite industrial e econômica atual pode e deve contribuir para manter nosso planeta um lar seguro. Não podemos basear novos arranjos de financiamento em uma divisão econômica que fez sentido em 1992. Isso só permitiria que países que hoje são grandes potências econômicas dissessem: “Oh, somos parte do mundo em desenvolvimento, portanto não temos nenhuma obrigação legal, moral ou política de contribuir”. É por isso que a UE foi tão inflexível em Sharm el-Sheikh [sede da COP27, no Egito] para evitar que o Fundo de Perdas e Danos fosse baseado no mesmo artigo do tratado que os fundos anteriores. Isso não é reescrever a convenção. Estamos simplesmente usando outras partes do tratado. Precisamos fazê-lo, se quisermos conseguir a mudança necessária e

levar esses fundos para os países que não podem enfrentar a crise climática por conta própria. Precisamos trazer os bancos internacionais e de desenvolvimento e conseguir atrair financiamento privado. Essa é a única maneira de sermos bem-sucedidos.

Valor: Os países industrializados “ocuparam” o espaço disponível de carbono na atmosfera. Como dividir o que resta?

Timmermans: Para manter a elevação da temperatura global limitada a 1,5 grau será fundamental conseguir o pico global de emissões até 2025. E os maiores emissores - os 20 países que juntos são responsáveis por 80% das emissões - precisam reduzir rapidamente, muito rapidamente. A UE trabalha nesse sentido. Nossas emissões já diminuíram mais de 30% em relação a 1990, e nossa economia cresceu mais de 60% nesse mesmo período. Sabe, há mais de dois séculos o crescimento econômico tem sido criado com base nos combustíveis fósseis. Isso precisa mudar. O Green Deal europeu não é uma estratégia climática. É uma estratégia de crescimento. Mudar a lógica econômica do que temos feito nos últimos 200 anos é muito difícil, mas temos que fazê-lo. Os custos da não ação são altos demais. Mas estamos todos juntos nisto e é por isso que quero que compartilhemos nosso conhecimento e tecnologias. Precisamos ajudar cada um a descarbonizar e encontrar novas bases econômicas.

Valor: O Inflation Reduction Act [IRA] aprovado nos EUA pode criar uma guerra comercial com a UE?

Timmermans: Não. O IRA mostra que os EUA estão levando a sério a redução de suas emissões. Depois do Green Deal europeu, ele confirma para o mundo que a transição climática é o caminho a seguir. Sim, há questões com elementos discriminatórios no IRA, e há alguns riscos sérios para nossa indústria. Mas como parceiros, amigos e aliados vamos resolvê-los. Ambos entendemos que é do nosso interesse mútuo fazê-lo.

Valor: A melhor maneira de um país se preparar para a descarbonização é dando preço ao carbono?

Timmermans: Bem, certamente é uma das melhores. O comércio de emissões coloca um preço no carbono, portanto, coloca em prática o princípio do “poluidor-pagador”. Mas também cria um incentivo financeiro para que as empresas descarbonizem e inovem, e gera receitas que os governos podem reinvestir para tornar a economia mais verde e ajudar os cidadãos a pagar por aquecimento ou resfriamento mais limpo das casas, um carro elétrico, ou outras medidas favoráveis ao clima.

Valor: Empresas de petróleo, como a Petrobras, querem abrir novos campos. O que diria a elas?

Timmermans: Estas são decisões comerciais tomadas pela Petrobras, não posso decidir por ela. Falando de forma geral, acho que está claro que a página sobre combustíveis fósseis está virando. A economia do futuro será baseada em energia renovável. Há cada vez mais empresas de energia tradicionais em todo o mundo caminhando nessa direção. A energia renovável já bate os combustíveis fósseis nos preços da energia. Nosso desafio é conseguir mais energia renovável o mais rápido possível.

Valor: Mercados de carbono estão, na verdade, ampliando o tempo de vida dos combustíveis fósseis?

Timmermans: Não. Os mercados de carbono são instrumento eficaz para estimular a descarbonização. O sistema europeu de comércio de emissões é um mercado de carbono. Está reduzindo emissões e levando a indústria a inovar, a usar energia limpa ao invés de fósseis.

Valor: A Europa está recuando, no curto prazo, em suas metas climáticas, mas o senhor diz que é uma oportunidade de o bloco europeu conseguir soberania energética. E isso através das energias renováveis. Quando imagina que essa transformação aconteça?

Timmermans: Fico feliz que tenha perguntado isto porque posso esclarecer o assunto. A UE não está se retirando de suas metas climáticas nem mesmo a curto prazo. Nossa meta para 2030 está fixada por lei e acabamos de finalizar as leis que garantem o seu cumprimento. Sim, devido à invasão russa da Ucrânia e à crise energética em curso, alguns países da UE estão usando mais carvão em vez de gás. Isto é apenas a muito curto prazo. Ao mesmo tempo, estamos nos movendo para as energias renováveis muito mais rápido do que o planejado. Estamos estabelecendo uma meta maior para a participação das renováveis, tornando mais fácil a licença para projetos e aumentando o investimento em energia limpa. Está acontecendo agora. Portanto, não se enganem: nossa rota pode ter mudado, mas o destino permanece o mesmo.

Valor: Há uma corrida no mundo para produção de hidrogênio, com mais de 60 países se preparando. Há demanda para tanta oferta?

Timmermans: Absolutamente. O hidrogênio renovável será componente essencial da futura indústria limpa. Algumas indústrias como siderurgia, produtos químicos, caminhões de longa distância e ônibus não podem se tornar elétricos e precisam de um condutor de energia. O hidrogênio será fundamental no nosso futuro industrial. É realmente a estrela do rock da transição energética. Neste momento, vivemos o dilema de quem vem primeiro. A indústria quer mudar para o hidrogênio, mas ainda há relutância em investir porque não têm certeza de que haverá suprimento suficiente. Os produtores em potencial, por sua vez, não têm certeza, porque querem saber se haverá compradores. Estamos desenvolvendo um banco de hidrogênio na Europa para ajudar a preencher essa lacuna. Também estamos procurando cooperação com países que estão desenvolvendo seu setor de energia renovável, para ver se podemos ajudar a transferir conhecimento e criar cadeias de valor industriais limpas no mundo.

Valor: O que o senhor espera da COP28? O Fundo de Perdas e Danos ficará em pé?

Timmermans: Nossa prioridade é convencer todos os países a se comprometerem com metas mais fortes que reflitam a necessidade de reduzir nossas emissões rapidamente. Essa foi a grande parte que faltava na COP27. No final, não haveria dinheiro suficiente no mundo para ajudar os países vulneráveis se deixássemos a oportunidade de conter a mudança climática fugir, fazendo muito pouco. Também devemos continuar trabalhando na adaptação e em Perdas e Danos, como prometido em Sharm el-Sheikh. Os acordos de financiamento para Perdas e Danos devem começar a funcionar o mais rápido possível, de forma que seja útil para os vulneráveis e com ampla base de doadores. Mas para a COP28, acima de tudo, temos que nos concentrar novamente na mitigação. Os 20 países mais ricos do planeta são responsáveis por 80% das emissões e devem melhorar seus compromissos climáticos, as NDCs. A UE fará sua parte.

Valor: Porque é difícil cumprir a meta dos US\$ 100 bilhões ao ano?

Timmermans: Para ser honesto, acho cada vez mais difícil defender que ainda existe esta lacuna. Deixe-me ser claro: a União Europeia está pagando sua parte. Isto não é um concurso de beleza, mas estes fatos são importantes. Temos sido um doador consistente e continuaremos assim. O problema é que outros países ricos, por diferentes razões, não oferecem financiamento suficiente para o clima. Precisamos ser francos sobre onde está o problema. Não vou pedir aos nossos Estados-membros que paguem mais simplesmente porque outros doadores não estão cumprindo o que prometeram. Estaremos pressionando esses países a cumprir seus compromissos.

Valor: O fato de a COP28 acontecer nos Emirados Árabes Unidos e com um presidente que é CEO de grande empresa de petróleo coloca em risco a agenda climática?

Timmermans: Como anfitrião da COP28, todos os olhares estarão voltados para os Emirados. Já tive várias reuniões com o novo presidente, Sultan Al Jaber, e estou convencido de que ele está bem posicionado para nos conduzir a uma COP bem-sucedida. Não devemos esquecer que os Emirados foram os primeiros na região a estabelecer objetivo “net zero”. Sabem muito bem que o país precisa planejar o futuro além dos combustíveis fósseis. Em seu papel como CEO, o presidente tem liderado a tarefa de levar a indústria de petróleo e gás a um futuro sustentável. Como alguém do setor de energia, pode fazer seus colegas entenderem que esta indústria precisa se adaptar à nova realidade: sair dos fósseis e entrar nas renováveis. Acho que ele entende bem isso.

Valor: O senhor vai a Belém. É sua primeira vez na Amazônia? O que espera da visita?

Timmermans: Será minha segunda estadia em Belém e estou ansioso para revisitar a cidade que poderá ser a sede da COP30, em 2025. Eu adoraria visitar a floresta novamente, mas durante esta visita quero principalmente conhecer quem vive e trabalha lá. Quero muito ouvir do governo estadual como eles enxergam a luta contra o desmatamento. Vou me encontrar com jovens ativistas do clima, para discutir como vislumbram o futuro. Isto é algo que faço em cada viagem: é graças a seus esforços que somos capazes de agir pelo clima e meio ambiente. O Green Deal não teria existido sem as ações de milhões de jovens europeus nos pedindo para mudar.